

AUGUSTO BAPTISTA



Fotografia: Eduardo Pinto

(Oliveira de Azeméis, 1946) frequentou a Faculdade de Medicina da UP, dedicando-se posteriormente ao jornalismo. Há muito radicado no Porto, desenvolveu um trabalho criativo onde cruza texto, fotografia e desenho. Cartoonista, desenhador, designer, fotógrafo, publicou vários livros onde explora formas ficcionais breves. São disso exemplo *Histórias de coisa nenhuma e outras pequenas significâncias* (2000) ou *O caçador de luas* (2003), livros onde a micronarrativa não recusa um olhar poético e lúdico acerca do mundo. Enigmas, nonsense, a arte chinesa do *tangram*, integram este universo singularíssimo de ruptura com as fronteiras que separam o poema em prosa do conto breve.

HISTÓRIA DE ESTIMAÇÃO

Primeiro trincou a língua, cortou. Mais tarde mordeu o rabo, cortou. Dois acidentes, duas fatalidades. Ganhou-lhe o gosto e com dramática persistência, em escala crescente, foi-se trincando, trinchando. Em pouco tempo, ficou reduzida a duas maxilas de dentes anavahlados.

Impulsionada pelo instinto devorador, fixou-se nos patos, nos peixes-vermelhos... A fim de evitar mais contratempos, o dono comprou-lhe açaimo, trela. E, rédea curta, pôde enfim passear pelo lago, em segurança, a dentadurinha danada, a sua piranha de estimação.

In *Elucidário Oblíquo do Reino dos Bichos*, gatopardo, Outubro de 2004, p. 22.

DIGA 33
POESIA NO TEATRO
às terças **terças-feiras** de cada mês

Programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO

11

Em noites de tempestade, gosto de abrir a janela, sair. Quem me surpreender depois a vadiar num céu de relâmpagos, talvez julgue ver um anjo migrante, tresmalhado do bando. Um anjo a voar. Enquanto, a saltar entre lianas de luz, eu, simplesmente Tarzan.

In *Histórias de coisa nenhuma e outras pequenas significâncias*,
Campo das Letras, Novembro de 2000, p. 67.

VOCAÇÃO POÉTICA

— ... E então o Bocage subiu ao escadote, arreou as calças, zás!

— Ah! Ah! Ah! — todos rendidos à anedota.

— Papá, quem era esse senhor? — o Pedro, cinco anos vivos, presença inesperada.

— Esse senhor, — o pai, embaraçado — esse senhor era poeta, fazia versos... Vai brincar com os outros meninos, vai Pedrinho. Depois em casa o papá explica.

Não foi necessário. A partir desse dia, o Pedro iniciou-se no difícil caminho das letras. Todas as tardes, baixa os calções, esgueira o rabito por uma nesga da varanda do 15.º, ensaia poemas na rua. E, para a idade, sai-se já muito bem nas redondilhas menores.

In *O Caçador de Luas*, gatopardo, Outubro de 2003, p. 121.

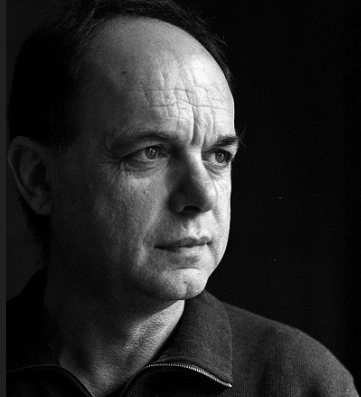


Num filme de paz e amor no velho oeste, em média, quantos índios morrem?

In *Enigmatógrafo*, gatopardo, Dezembro de 2012, p. 4.



FRANCISCO DUARTE MANGAS



Fotografia: Augusto Baptista

(Vieira do Minho, 1960) nasceu em Rossas, Vieira do Minho, distrito de Braga. Jornalista de profissão, tem extensa obra publicada nos domínios da ficção e da poesia. O seu livro mais recente intitula-se ***Pavese no café Ceuta*** (teodolito, Março de 2019). Revelou-se na ficção, em 1993, com ***Diário de Link***, ao qual foi atribuído o Prémio Carlos de Oliveira. Entre o trabalho poético publicado destaca-se ***A Fome Apátrida das Aves*** (Modo de Ler, 2013), reunião, com prefácio de Manuel Gusmão, onde ficam expressas algumas das características essenciais dos seus versos: sobriedade, brevidade, uma ligação muito forte à terra e uma minuciosa atenção ao mundo rural.

Breve palavra: brévia. Em teu redor, a sebe irrompe espessa, intonsa. A noite, mas a noite, agora é noite, é noite de inverno. O canto triste dos tordos fica preso na armadilha da palavra, como se a escrita fosse arte de indagar a morte.

Da sequência [Brevia], in ***A Fome Apátrida das Aves***, Modo de Ler, 2013, p. 57.

SANTO OFÍCIO

a partir do século dezoito
pensar deus em letra minúscula
deixou de ser considerado heresia.

Da sequência "A Laranja de Copérnico", in ***A Fome Apátrida das Aves***, Modo de Ler, 2013, p. 186.



MIL ALDEIAS

O homem do saco de cabedal é arquivista de gestos perdidos. Um andarilho. Imaginou, sentado, a morte de mil aldeias dentro da sua própria aldeia. Teve pena, contou-me, de não ter seguido o primeiro-ministro na ronda pelo país real. Queria ver o olhar dos velhos daquele lugarejo isolado a quem o chefe do governo deu o número directo do seu gabinete. Antes de morrerem, telefonem!

In *O Homem do Saco de Cabedal*, Campo das Letras, Maio de 2000, p. 55

ESTRIGAS DE LINHO

burburinho de asas rente à figueira
dos figos grandes, de novo a fome
apátrida das aves. falo à mãe de estrigas de linho
como se duas palavras antigas lhe volvessem a juventude
e de esquecidos homens a cavalo
passavam pela alva rumo à feira de s. miguel de basto.
o cheiro a mosto e sua secreta alegria que havíamos
de descobrir mais tarde.
a felicidade dos cães no rasto dos montes
que palavras para reabilitar o caçador
enleado na trôpega quietude?
burburinho de asas sobre a figueira
que aves são essas, meu filho?

Da sequência "Abriu a Caça", in *A Fome Apátrida das Aves*,
Modo de Ler, 2013, p. 217.

CAMPONÊS COM LAVRA

a Ruy Belo

pouco sei do enigma das palavras
mas espero que um crítico um dia
me ache, enfim, camponês com (pa)lavra.

Da sequência "Paixões e Paisagens", in *A Fome Apátrida das Aves*,
Modo de Ler, 2013, p. 234

Próxima sessão:

21
JAN

Apresentação do livro
Si Dispensa dai Fiori
de **JOSÉ RICARDO NUNES**



**TEATRO DA
RAINHA**